

[HOME](#)
[QUEM SOMOS](#)[PROGRAMA GLOBO](#)
[UNIVERSIDADE](#)[CURSOS](#)
[SEMINÁRIOS](#)[ENTREVISTAS E](#)
[REPORTAGENS](#)[PESQUISA](#)[AGENDA](#)[OUTROS LINKS](#)[▶ Histórico](#)[▶ Ações](#)[▶ Equipe](#)

ENTREVISTAS E REPORTAGENS

10/01/2011

A felicidade como doença social

Entrevista com Toby Miller

Escolha e tamanho
da letra [A-](#) [A+](#)[IMPRIMIR](#)[INDIQUE A UM AMIGO](#)

Nascido no Reino Unido, o professor Toby Miller fez seus estudos universitários na Austrália e em 1993 se tornou, como diz, "um entre dezenas de milhões" de imigrantes que chegam aos Estados Unidos todos os anos em busca de uma vida melhor. Se o mito do sonho americano estava entre os motivos que o levaram a aceitar o convite para dar aulas na New York University (onde ficou até assumir em 2004 o posto atual de professor na Universidade da Califórnia), seu trabalho mais recente discute a distância entre essas promessas e a realidade da vida americana atual.



Miller esteve no Brasil em agosto de 2010, quando ministrou uma palestra no seminário internacional Ser Feliz Hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade, realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com apoio do Globo Universidade. Na ocasião, o professor falou sobre como a ideia de felicidade, entendida pelas associações de psiquiatria e psicanálise dos EUA, acaba se tornando instrumento de controle social. Autor e editor de mais de 30 livros que fizeram dele uma referência no campo dos Estudos Culturais, em particular nas discussões sobre mídia e cinema, Miller fala nesta entrevista sobre o conservadorismo da função psi nos EUA e comenta um pouco de sua formação como pesquisador.

Globo Universidade - Seu artigo para o livro Ser feliz hoje (FGV e Globo Universidade), organizado pelo professor João Freire Filho, cita uma bibliografia extensa sobre o assunto. Você já pesquisava isso antes mesmo do convite para o seminário?

Toby Miller - Mais ou menos: eu não sabia, até pouco tempo, que existia algo como estudos da felicidade, mas já estava de fato trabalhando com o tema por minha conta. É um daqueles momentos em que você não percebe que é parte de um movimento maior, ligado ao zeitgeist. Eu estava escrevendo um livro chamado Makeover nation (Ohio State University Press, 2008), a respeito da ideia da reinvenção de si e de como isso é crucial para o modo de vida dos EUA, onde a felicidade é uma obsessão. Quando escrevi o artigo para o livro desse seminário, o que fiz foi olhar alguns dos conceitos-chave que eu havia pesquisado nos EUA e contextualizá-los dentro do campo maior dos estudos da felicidade.

GU - Você considera que esse é um assunto particularmente relevante nos EUA?

TM - Sim, porque, talvez como o Brasil, os EUA são um grande amálgama de culturas. E parte da mitologia da imigração nos EUA é que todos têm direitos à felicidade, sem distinção de raça, gênero, religião e, certamente, sem distinção de classe. Essa mitologia de que você pode se reinventar e receber suas recompensas em vida é uma fonte muito poderosa de motivação. Eu mesmo sou um imigrante nos EUA e só me tornei um cidadão americano há pouco mais de seis meses. Sou um entre dezenas de milhões que acreditaram, corretamente ou não, que poderiam ser mais felizes vivendo nos EUA do que no lugar de onde vieram, porque acreditavam que poderiam transcender aquilo que eram. O mito fundador da felicidade nos EUA é que, não importa a sua condição de nascimento, você pode ir além disso.

GU - Seu artigo, no entanto, aponta para outra dimensão da felicidade, que é sua regulação como forma de controle social.

TM - Sem dúvida, você está certo. Eu disse que essa era a mitologia americana e também que ela me influenciou, mas isso não significa que ela de fato funcione. Tragicamente, em particular nos últimos 30 anos, desde a presidência de Ronald Reagan iniciada em 1981, e por todas as administrações a partir daí, você vê a desigualdade se ampliando na sociedade americana. A ideia de que você pode ultrapassar suas raízes não é mais confirmada. A maneira econômica clássica de avaliar a mobilidade social é ver se você ganha mais dinheiro do que seu pai ganhava. Isso não acontece hoje nos EUA. A mobilidade social não existe mais e a noção de individualidade que parece estar articulada a essa mitologia da transcendência tampouco parece existir. Embora nos digam sempre que a população dos EUA não gosta de intervenção governamental, que ela quer ser independente, minha percepção desde que cheguei é que há um imenso espectro de instituições sobrepostas que governam sua vida. Não são necessariamente federais, ou nem do governo estadual, mas igrejas, organizações voluntárias, ONGs ou empresas dedicadas a trabalho filantrópico. Não estou dizendo que isso seja ruim. No entanto, sua função não é revelar uma sociedade de busca individual por felicidade, e sim formas de governar a vida e criar regras. Os EUA são sociedade de extrema sobriedade puritana, porém promíscua e aberta. É contraditório, mas há imensas pressões para você se conformar a certas regras. Elas não são tão grandes sobre alguém como eu ou você, porque nós temos sotaques ao falar inglês. Mas se você cresceu lá, então a pressão de sua cidade, de sua paróquia, de sua raça, é intensa.

GU - O sonho americano virou apenas uma ideia sem substância?

TM - A expressão sonho americano tem apenas 70 anos e foi cunhada por um latino, no meio da Grande Depressão. Está claro hoje, quando se olha para os dados, que as possibilidades sugeridas por essa expressão não têm sustentação real. Ainda mais nos últimos anos, conforme os salários caíram e os lucros subiram. O sonho americano se transformou para adaptar-se a essa situação. Ele deixou de estar ligado a um bom salário para ter a ver com conseguir um empréstimo para comprar uma casa e depois usar essa casa como garantia para outros empréstimos que financiariam certo estilo de vida, supondo que com o tempo a casa se valorizaria e seria

garantia para outros emprestimos que mantinham certo estilo de vida, supondo que com o tempo a casa se valorizava e seria possível pagar as dívidas. Foi assim que entramos nessa recessão ou depressão, como queira chamar. A dificuldade de abordar essa questão de diminuição dos salários, que levou diretamente à crise, é que nos EUA as pessoas estão muito intensamente ligadas à ideia de que aquilo que acontece com você é sua responsabilidade. Isso está muito ligado aos tipos de protestantismo sobre os quais o país foi fundado.

GU - Você nota em seu artigo que o interesse do governo dos EUA pela felicidade está geralmente associado a uma preocupação com a produtividade. Poderia falar sobre isso?

TM - O governo sem dúvida está obcecado em administrar a economia. Ser um governo bem sucedido é gerar empregos para seus cidadãos. Então é verdade, o governo procura medir a felicidade em termos materiais, mas a felicidade é mais complexa do que isso, tanto como ideologia quanto como experiência vivida. Essa é uma das ideias centrais que os estudos de felicidade mostram: embora o crescimento econômico seja necessário para sustentar a vida material, a felicidade depende de outros fatores. Da beleza, da serenidade, do amor, da amizade. Embora essas coisas não estejam separadas da prosperidade, tampouco dependem dela por inteiro. Hollywood entregou formas de felicidade para milhões e milhões de pessoas ao redor do mundo. Elas não dizem respeito apenas a finanças, propriedade de imóveis, emprego, mas à capacidade de se tornar uma nova pessoa, especialmente por meio do amor e do sexo. É isso que lhe dá uma vida melhor nos filmes.

GU - Por que você decidiu estudar o modo como as associações médicas americanas regularam a felicidade no século XX?

TM - Na verdade, sou um pesquisador que trombou com os estudos da mídia, em parte por ter trabalhado com mídia antes de virar um acadêmico, mas sempre estive interessado em questões sociais mais amplas. Escrevi livros sobre cidadania, cultura, esporte e globalização, por exemplo. Sempre senti que a mídia era uma parte importante de nossas vidas, mas que não devíamos reduzir todos os fenômenos a ela. Era nisso que estava pensando em minha abordagem da felicidade. Em vez de analisar o modo como ela é representada, estava mais interessado na felicidade como uma prática regulada e co-modificada na sociedade americana.

GU - Você sugere que as associações psiquiátricas e de psicologia estão menos interessadas na felicidade em si do que na manutenção da ordem social. Não há exceções a essa atuação conservadora?

TM - É claro que o que eu digo não serve para todos os terapeutas, psicólogos ou psiquiatras, mas de fato muito da ascensão da função-psi nos EUA no começo do século XX tinha a ver com assegurar que os trabalhadores fossem produtivos e estivessem sob controle, que a influência do marxismo-leninismo fosse mínima, que fossem fiéis à pátria e tivessem boas relações com a publicidade e com o exército. Claro que há muitas tendências diferentes no mundo da psicologia, e que algumas não estão interessadas na docilidade dos trabalhadores, mas muitas têm suas origens numa corrente muito conservadora, que ainda está muito presente hoje. Tomemos como exemplo o uso de tortura no Iraque e no Afeganistão na última década. A Associação Americana de Antropologia

passou um estatuto proibindo a participação nesse tipo de atividade. Já a Associação Americana de Psicologia teve um debate gigantesco sobre isso justamente porque alguns de seus membros estiveram profundamente envolvidos com sessões de tortura de maneiras ainda não bem esclarecidas.

GU - Outra questão que você levanta é a da definição de felicidade e até que ponto certos estados psicológicos devem ser definidos como desordens.

TM - Sim, há um vasto leque de desordens e doenças que foram inventados e antes eram pensadas como excentricidades ou fatos culturais. Se você lava a mão muitas vezes ao dia, pode ser que você seja um médico, enfermeira ou motorista de táxi. Mas nos EUA, isso pode significar que você tem Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC). Se você tem mau hálito, isso também é tomado como sinal de diversas doenças mentais. Formas de careca nos homens são psicologizadas. Falam de vício em videogame, uma coisa absurda. Ninguém é acusado de ser um viciado em livros ou em jornais.

GU - Você mencionou ter trabalhado na área de comunicação antes de se tornar acadêmico. Como foi seu percurso até a vida universitária?

TM - Quando estava na faculdade, trabalhava numa rádio, a National Broadcaster, algo como a BBC na Austrália. Quando me formei, fui ser analista de crédito no banco Chase Manhattan. Não gostava muito disso. Então, durante algum tempo, exerci a função de funcionário público, participando da formulação de políticas públicas, depois fui redator de discursos para políticos, empresários e burocratas. A essa altura estava nos meus 20 e tantos anos e percebi que estava muito infeliz, embora tivesse um salário bem razoável. Então me demiti e voltei à universidade. Nunca tinha ouvido falar em estudos de mídia ou de Estudos Culturais ou de feminismo progressivo. Ao voltar para a universidade, descobri e me envolvi com essas teorias. Durante toda a minha vida, havia tentado lidar com o fato de que, por um lado, me preocupava com a desigualdade social e com a indústria cultural. Mas por outro lado, eu amava a mídia e a cultura pop, e não queria que me dissessem que amar futebol ou James Bond era coisa de alienado. Assim, procurei um caminho para conciliar essas divergências. Trabalhei em diferentes lugares na Austrália até que consegui um emprego nos EUA. Por ter experiência com comunicação, minhas primeiras oportunidades estavam sempre a ela conectadas, como também a credibilidade ao que eu escrevia sobre o assunto. Com o tempo meu próprio trabalho acadêmico passou a fundamentar minha credibilidade e então senti que realmente queria tratar dessas questões sociais mais amplas e importantes para mim.

GU - Quais são as influências principais em seu trabalho como pesquisador?

TM - Fiz minha pós-graduação no fim dos anos 1980, quando a semiótica era muito importante, Ferdinand de Saussure e Charles Sanders Peirce foram grandes influências. Também os pensadores do pós-estruturalismo, em particular Michel Foucault. E ainda muitos pensadores na tradição marxista, como Antonio Gramsci e Amílcar Cabral, e da tradição pós-colonial, como Frantz Fanon e Edward Said. O trabalho de dois colegas é muito importante para mim: George Yudice e Robert Stam. Pelo George tomei contato com Néstor García Canclini e Jesús Martín-Barbero, que se tornaram outras influências. Pode-se dizer que minha formação é uma mistura de filosofia francesa com Estudos Culturais ingleses, pós-marxismo e alguns autores latino-americanos. A ideia básica é não abordar os textos para emitir julgamentos sobre o que é bom ou ruim, mas para entender o funcionamento desses textos, o modo como são feitos, os significados que constroem, as relações trabalhistas envolvidas em sua produção. Entender o sistema de produção cultural exige mais do que interpretar textos, exige trabalho de campo, pesquisa, entrevistas e muitas vezes um trabalho coletivo. Meus livros sobre Hollywood são trabalhos colaborativos, com pessoas de diferentes países que ajudaram a construir um painel mais amplo de como Hollywood funciona numa escala global.

GU - Estar na Califórnia é uma forma de facilitar essa atividade?

TM - O trabalho inicial eu fiz em Nova York. Mudei para a Califórnia há seis anos por várias razões. Uma delas era que eu queria estar na barriga da besta, experimentar Hollywood em primeira mão. Hoje estamos vendo novas formas de tecnologia que estão transformando o mercado, é uma época muito interessante para estar lá.

[OUTRAS ENTREVISTAS](#)

[CRÉDITOS](#)
